

O DIA EM QUE A LÁGRIMA CHOROU

João Luiz Guimarães



Cansada de sofrer contínuos maus-tratos, chega o dia em que toda a água da Terra decidiu deixar o planeta: o Espírito das Águas ergue-se sob a forma de vapor, expressando aos brados sua vontade de ir-se embora para outros cantos da galáxia. É convocada então uma conferência mundial das gotas, da qual podem participar todas as gotas líquidas, deixando de fora a gota de uma estalactite que há pouco havia se tornado sólida, e ainda uma viscosa gota de óleo, com a qual as águas não gostavam de se misturar. A primeira a falar é a gota de suor, acostumada a escorrer das testas de humanos que trabalham de sol a sol e que, a despeito de sua proximidade com os seres humanos, também andava descontente, apoiando a iniciativa do Espírito das Águas. A gota de orvalho, porém, em uma fala angustiada, lembra às companheiras líquidas que deixar o planeta significaria extinguir todas as formas de vida: não apenas humanos, mas também animais e flores, como zebras e bromélias. Se a gota de leite deseja ficar e continuar a nutrir os seres apesar dos percalços, a gota de sangue deseja partir, cansada de ser derramada a torto e a direito de modo violento, brutal e inútil. Enquanto a gota de saliva ainda acredita no poder transformador das palavras, uma ácida gota de chuva opinou que a humanidade já tinha recebido e desperdiçado todas as chances que merecia. O apelo sentido da lágrima, porém, faria as gotas marejarem, provocando um dilúvio que romperia barreiras endurecidas e inundaria de vida o planeta que ressecava.



Coordenação:
Maria José Nóbrega





Em *O dia em que a lágrima chorou*, João Luiz Guimarães aborda de maneira lírica e alegórica o tema urgente da crise climática, escolhendo como protagonistas, ao invés de personagens humanos, gotas de diferentes líquidos, permitindo que agentes não humanos emitam seus juízos sobre o destino da humanidade e dos seres vivos do planeta, de modo geral, chamando atenção para a água como elemento crucial para permitir a possibilidade da vida. A ilustradora Anabella Lopez dá dinâmica ao livro ao criar uma série de imagens de colorido vibrante, que mistura técnicas de pintura digital e colagem para evocar a conversa entre as gotas, trabalhando com cruzamentos entre elementos fundamentais da linguagem gráfica para evocar uma crise que envolve a água, elemento fundamental para a vida. A ilustradora reúne fotografias de experimentos científicos, evoca a forma das galáxias, trabalha com fotografias recortadas, símbolos matemáticos e elementos diversos para evocar a estonteante complexidade que torna a vida possível.

Depoimento

De Pedro Felicio,
ator, músico e pai

Me perdoem, mas preciso começar com uma interjeição: UAU!

Que deslumbrante este livro. Lemos bastante aqui em casa e não é sempre que a visualidade da obra tem um papel tão marcante como neste livro.

A primeira coisa que minha filha mais nova apontou, voltando às páginas iniciais do volume (hoje em dia, meus filhos já não interrompem tanto a leitura para fazer comentários, acredito que aprenderam a esperar terminarmos a história para, só então, tecer seus relevantes e curiosos comentários) foi sobre a representação do Espírito das Águas. Não houve dúvidas para ela de que a textura de pinceladas e recortes coloridos era o corpo da cósmica personagem. Tratou isso com naturalidade e pôde ir percebendo esse corpo também nas páginas de

abertura e encerramento do livro. Mas fui eu quem apontei que a fumaça dos vulcões trazia a mesma textura. “Então acho que é da água evaporada dos vulcões”, concluiu meu filho mais velho, bastante apaixonado por questões geológicas.

Ao longo das páginas, as crianças foram se interessando mais e mais pela história. O mais velho atento aos jogos de palavra envolvendo líquidos, água e gotas; a menor, muito atenta aos detalhes das ilustrações. E são tantos. Chamei a atenção das crianças para as palavras e os números utilizados pela artista Anabella López, o que fascinou ainda mais meu filho, que comentou sobre o infinito e o número 8, sobre os nomes de autores, e tentou ler cada texto que compõe as imagens. A menor acompanhava um pouco desatenta as explicações do irmão e, vez por outra, declarava seus próprios achados: “Zebra de novo!”, “Água mágica da Ponyo!” (do filme de 2008 de Hayao Miyazaki) ou “Mandala! Isso que é mandala, pai, que eu te falei...”.

Mas a coisa mais legal que nasce da relação entre o texto de João Luiz Guimarães e as imagens de Anabella López é uma certa complexidade que fez com que meus filhos voltassem as páginas diversas vezes, para compreender melhor o sentido (no início enigmático) daquelas páginas.

Meu filho tem se afastado das leituras familiares aqui em casa. Lendo cada vez mais sozinho. *Sagatrisuinorana*, também de João Luiz Guimarães, ele leu sozinho, por exemplo. E também percebo que seu interesse pelas ilustrações mudou: ele agora se interessa mais pela relação delas com a história, ou melhor, se interessa pelo processo de diálogo entre os dois elementos, textual e imagético. Nesse sentido, *O dia em que a lágrima chorou* foi um deleite para o guri.

Após lermos, minha filha ficou um tempo sozinha com o livro, indo e voltando páginas. Sentei ao seu lado. "Mas não é uma criança que fez esses desenhos, né?". "Não, filha, a ilustradora é adulta." Percebi, então, que a gestualidade presente nas imagens de López é muito mais forte do que as últimas ilustrações que temos visto, neste mundo tão abarrotado de imagens produzidas digitalmente. E a identificação de minha filha com essas páginas vem desse processo repleto de gestualidade. A garatuja se faz presente nesse trabalho de uma forma que, infelizmente, vem se tornando rara.

As cores, as formas recortadas, as letras, símbolos e numerais, a gestualidade, o conjunto gráfico, tudo isso deu à fábula altamente política (aliás, deliciosamente repleta de citações a lugares-comuns de assembleias e reuniões) também um espaço onírico e surrealista, conferindo à história um jogo entre verossimilhança e fantasia realmente potente. Queria muito agradecer ao autor e a ilustradora: aqui em casa votamos – não sem algum debate acalorado – para que a água fique no nosso lindo e maltratado planetinha.



Um pouco sobre o autor

João Luiz Guimarães nasceu no Rio de Janeiro, mas passou a infância no Canadá. Primeiro cursou faculdade de medicina e acabou trocando pelo curso de Jornalismo, que o levou a trabalhar em revistas, jornais, em televisão e com documentários. Mais tarde, resolveu lançar-se como autor de livros, profissão na qual teve muito sucesso, recebendo vários prêmios na área, como o prêmio Jabuti como Melhor Livro Infantil e Melhor Livro do Ano, em 2021. Este é seu primeiro livro pela Moderna.



Leia Mais...

Do mesmo autor

- ✕ *O vento de Oalab*. São Paulo: SM.
- ✕ *Sagatrisuinorana*. São Paulo: Ôzé.
- ✕ *Papo reto e papo curvo*. São Paulo: Editora do Brasil.

Do mesmo gênero ou assunto

- ✕ *Aqui estamos nós: notas de como viver no planeta Terra*, de Oliver Jeffers. São Paulo: Salamandra.
- ✕ *O protesto*, de Eduarda Lima. São Paulo: Pequena Zahar.
- ✕ *Da minha janela*, de Otávio Júnior. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- ✕ *O segredo da chuva*, de Daniel Munduruku. São Paulo: Ática.
- ✕ *Sabedoria das águas*, de Daniel Munduruku. São Paulo: Global.
- ✕ *Um dia, um rio*, de Leo Cunha. São Paulo: Pulo do Gato.

